

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Daniel Lima Monfrini

**APONTAMENTOS PARA O USO DO ROMANCE “A FESTA”, DE
IVAN ÂNGELO, COMO DOCUMENTO HISTÓRICO.**

São Paulo, Junho de 2014.

DANIEL LIMA MONFRINI

**APONTAMENTOS PARA O USO DO ROMANCE “A FESTA”, DE
IVAN ANGELO, COMO DOCUMENTO HISTORICO.**

*Trabalho Temático interdisciplinar
apresentado para avaliação dos
docentes da grade curricular do 1º
semestre do curso de Biblioteconomia e
Ciência da Informação da Fundação
Escola de Sociologia e Política de São
Paulo.*

São Paulo, Junho de 2014.

“Aí o garoto cutucou o General Figueiredo e disse: ‘Presidente, o povo está nu!’”

(Millôr Fernandes)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 ESTRUTURA DA OBRA.....	6
2.1 Documentário.....	7
2.2 Bodas de Pérola.....	7
2.3 Andrea.....	8
2.4 Refúgio.....	8
2.5 Antes da Festa.....	9
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	10
REFERÊNCIAS.....	11

1 INTRODUÇÃO

O Romance “A Festa” como documento histórico ?

O romance “A Festa”¹, do escritor mineiro Ivan Ângelo, foi publicado pela primeira vez em 1976 em pleno Regime Militar brasileiro. O Executivo exercia o poder de forma ditatorial, sendo presidido então pelo General Ernesto Geisel. Há pouco mais de sete anos fora decretado o AI-5 e ainda faltava cerca de três anos para que a abertura política fosse sinalizada com a Lei da Anistia (promulgada pelo General João Batista Figueiredo² em 1979).

A obra transparece ao leitor de hoje as tensões sociais e políticas dos chamados “Anos de Chumbo”, sendo uma peça no quebra-cabeça da memória social do período. A incrível capacidade de síntese do autor faz com que várias facetas da realidade histórica abordada nos sejam apresentadas. Quase se pode sentir o clima dos chamados “porões da ditadura” em certas passagens, como no trecho em que a personagem Andrea presta depoimento no DOPS³. Além disso, como em toda grande obra de literatura, o romance se presta à múltiplas leituras e interpretações. Mas, sendo assim, podemos dizer que seu “contexto de origem” lhe garante um atestado de *documento histórico* ?

Assumindo que o romance fosse tomado como um “pronto e acabado” documento histórico, qual seria seu alcance ? Um documento relativo ao Governo Geisel ? Do Regime Militar como um todo ? Ou apenas da sociedade mineira sob o regime de exceção ? Talvez nem caiba fazer tais perguntas. Afinal, como lembra o historiador Jacques Le Goff:

A Intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende de sua própria posição na sociedade da sua época e de sua organização mental, insere-se numa situação que é ainda menos “neutra” do que sua intervenção. O

¹ÂNGELO, Ivan. *A Festa*, Romance: contos. São Paulo. Ed: Vertente, 1976.

²“A Festa” foi publicado em período absolutamente crítico da história política brasileira. Segundo as palavras de Marco Antonio Vila: “Os dez anos de vigência do AI-5 deram aos presidentes Costa e Silva, Medici e Geisel – além dos membros da Junta Militar, entre setembro e outubro de 1969 – amplos poderes, como nenhum outro mandatário teve na história republicana brasileira.”. VILLA, Marco Antonio. *Democracia à Brasileira*. São Paulo. Ed: Leya 2014. Pag 372.

³ ÂNGELO. Op. cit. Pag. 143 a 149.

documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio⁴.

Ou seja, o texto cristalizado na obra é o resultado de uma cadeia de processos de seleção, que nascem na própria interação social e estão embutidas nas escolhas estéticas adotadas pelo autor⁵. *A condição de documento não é intrínseca ao texto, mas construída a partir de uma visão particular do Historiador.*

A proposta deste trabalho é apenas indicar alguns caminhos que poderiam ser adotados para se trabalhar o romance “A Festa” - levando-se em conta sua natureza literária - enquanto documento histórico do período ditatorial. O objetivo é inciar o processo de “desconstrução” da obra visando demonstrar como as estratégias narrativas adotadas pelo autor estão relacionadas ao contexto social que permeiam o texto. Tentamos levar em conta as reflexões de Antônio Cândido em “Literatura e Sociedade” que podem ser sintetizadas na seguinte proposição:

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar na matéria do livro a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada⁶.

Tentaremos demonstrar como a disposição das partes de “A Festa”, sua narrativa fragmentada e a oscilação de estilos adotada pelo narrador, refletem conflitos estruturais da sociedade brasileira que desembocaram no Regime Militar.

⁴LE GOFF, Jacques. Memória e História. Campinas. Editora da Unicamp. 1990. Pag. 547.

⁵“De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade.” LE GOFF. Op. cit. Pag. 535.

⁶CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade, Estudo de Teoria e Crítica Literária. São Paulo: T. A. Queirox, 2000.

2 ESTRUTURA DA OBRA

“Um romance: contos” é o subtítulo da obra. Um subtítulo a princípio feito de termos que se excluem entre si. O autor coloca para si duas imposições formais: a obra deve ter uma unidade - um sentido de conjunto - a partir de “contos” que apresentam uma trama que poderiam ser lidos em separado. Tal procedimento parece indicar que o leitor é chamado a tomar parte na construção da unidade da obra, como se os contos orbitassem um sentido que fica velado. Lembramos que o livro foi publicado pouco depois do período crítico da resistência armada à ditadura e de sua consequente repressão extremamente violenta. Jornais eram censurados e a máquina de Estado funcionava a todo vapor para “legitimar” o regime (vale lembrar que Ivan Ângelo era jornalista). A estrutura “sem centro” e dispersa de “A Festa” parece refletir um dado fundamental da realidade dos “Anos de Chumbo”: o cidadão crítico e atento à realidade política tinha seus meios de percepção obstruídos e trabalhava sempre com fragmentos. Não por acaso, o texto que abre o primeiro conto – que trata da rebelião dos migrantes nordestinos na estação central de trem de Belo Horizonte – é apresentado como

“Trecho da reportagem que o diário ‘A Tarde’ suprimiu da cobertura dos acontecimentos da praça da Estação, na sua edição de 31 de Março de 1970, atendendo a solicitação da Polícia Federal, que alegou motivos de segurança nacional⁷”.

Extrapolando um pouco na interpretação, poderíamos dizer que entre os “contos” e o “Romance” faltam elementos da realidade, metaforicamente suprimidos pelos órgãos de repressão do regime, e que Ivan Ângelo pretende mimetizar tais pontos-cegos em ficção, mas contando com a cumplicidade criativa dos leitores.

Ainda mais ambígua que o subtítulo é a disposição de “A Festa” em oito “contos” – no índice não aparece a palavra “capítulo” – e uma parte chamada “Depois da Festa”. O leitor é colocado diante de um impasse: ler os contos na sequência e posteriormente o “Depois da Festa”, ou suspender a leitura corrida para “consultar” o “Depois da Festa” (seria um nono conto ou uma espécie de apêndice?). Mais uma vez o leitor é chamado a compor a unidade da obra – a “juntar os cacos” da realidade. Novamente, acreditamos que isso reflita um dado essencial do período:

⁷ÂNGELO. Op. cit. Pag. 15 e 16.

saber e procurar saber eram atividades incertas e perigosas. No livro os dois jornalistas que atuam de maneira independente e que, por esse ângulo, tem como contra-ponto Andrea, a colunista social, acabam tendo finais trágicos: Carlos Bicalho e, principalmente, Samuel Ferezim.

Passamos agora a uma rápida análise de alguns dos contos, tentando demonstrar como a estrutura narrativa se embrenha em si mesma, revestindo cada uma das maneiras de narrar de maior significação social. Escolhemos os que pareceram mais representativos.

2.1 Documentário

O primeiro conto, “Documentário”, está dividido em dois planos: a notícia censurada do jornal “A Tarde”, que trata da revolta na estação de trem, e os trechos “judiciais” que apresentam seu líder, Marcionílio, à luz das autoridades do DOPS; e os excertos que traçam um panorama da formação patriarcal e economicamente dependente da sociedade brasileira. Os nexos entre a noite de 31 de março de 1970 e o conjunto da história brasileira não são esgotados pelo autor, mas sugeridos – novamente apelando para o pensamento crítico do leitor. Talvez a chave para se entender esse trecho em seu potencial como documento histórico literário, seja a figura de Garrastazu Médici, que aparece apenas se apiedando dos flagelados da seca. Claramente se trata de uma ironia (e não há no livro mais nenhuma menção aos nomes dos Presidentes militares) que indica que a máquina de Estado descolou das demandas sociais que se faziam urgentes. De certa forma, a festa de Robertinho é uma metonímia dessa descolagem das classes dirigentes da realidade da população.

2.2 Bodas de Pérola

No Conto “Bodas de Pérola” é apresentado o drama doméstico de um casal (clivado nas percepções do marido e da esposa). Embora depois o leitor fique sabendo que o casal mora – e será encontrado morto – no mesmo prédio onde se deu a festa do pintor Robertinho, e que o marido é professor de Carlos Bicalho - com quem a esposa - tem um caso, esses personagens correm à margem da trama. O capítulo lembra até o final uma trama de folhetim (em que o contexto da ditadura é basicamente escamoteado), mas sem apresentar o desfecho aguardado. O que

seria o clímax da narrativa (*afinal, o bolo estava ou não envenenado ?*) aparece como um detalhe em outro conto. O romance experimental traz em si um folhetim mal-resolvido. Acreditamos que esse trecho possa ser potencialmente constituído como documento à luz da seguinte interpretação: a pompa e circunstância com que os militares revestiam seu combate ao comunismo, sua política econômica, sua luta pela democracia (Médici, em seu discurso de posse, falou basicamente de Democracia⁸), eram um teatro sob o qual se escondiam os reais interesses financeiros que ditavam os rumos da política⁹. Essa trama prometia algo, mas não cumpria, jogava com fórmulas de apelo popular – tal qual um folhetim – mas acabou sem desfecho. Ou teve como desfecho a “lenta e gradual abertura” (o que poderia naquele momento ser apenas intuitivamente antevisto por Ivan Angelo).

2.3 Andrea

O conto “Andrea” é uma biografia “encontrada pelo autor entre os papéis de uma personagem do livro¹⁰” e apresenta de maneira extremamente irônica a trajetória de uma colunista social. Os textos com os quais a personagem ganha vida são o avesso do próprio romance: a coluna social omite as tensões de classe e o romance as explicita, e, por outro lado, o próprio capítulo é o avesso de uma coluna social, pois escancara justamente os preconceitos e a falta de elegância das classes abastadas.

2.4 Refúgio

O Conto “Refúgio” parece ser um dos mais importantes do romance. O advogado culto e bem relacionado – que depois será um delator político e assassino da esposa – é apresentado ao leitor de maneira absolutamente minuciosa: cada gesto seu e cada movimento de seus pensamentos e desejos é descrito. Tudo se resume às suas vontades e caprichos. A festa do pintor Roberto é um palco para sua

⁸Marco Antonio Villa transcreve em seu livro um trecho do discurso de posse do presidente Médici: *'Sinto que a plenitude do regime democrático e uma aspiração nacional. "E, para isso, creio necessário consolidar e dignificar o sistema representativo baseado na pluralidade dos partidos e na garantia dos direitos fundamentais do homem"*. VILLA. Op. cit. Pag. 167.

⁹Novamente damos voz a Marco Antonio Villa: *"Os Barões da economia nacional foram os maiores beneficiários do regime. Construíram imperios, diversificaram seus negócios e passaram, inclusive a ter presença em alguns setores da economia internacional. Curiosamente, ficaram incólumes no momento da redemocratização. E mais que depressa deram seu apoio a nova ordem – mantendo seus privilégios, evidentemente"*. VILLA. Op cit. Pag 377, 378.

¹⁰ANGELO. Op. cit. Pag. 49.

performance, já que irá pedir a mulher que acabará matando em casamento. Mais a frente a justiça servirá para apenas para absolvê-lo deste crime. O Romance tece as ligações profundas entre a festa da alta sociedade mineira e a revolta da estação de trem, e o advogado Doutor Jorge Paulo de Fernandes (*absolvido por sete a zero*¹¹) é a encarnação da aparente negação dessas ligações por tratar-se de uma pessoa extremamente egoísta e preconceituosa. E essa negação das tensões sociais, mimetizada na ficção - a partir de um discurso que mergulha no individual e no psicológico – mostra a força da realização estética de “A Festa”.

2.5 Antes da Festa

“A festa vai começar” é a frase, dita por Robertinho à seus primeiros convidados, que encerra a sequência narrativa dos oito contos. O conto “Antes da Festa” retoma o estilo “jornalístico” do primeiro e narra os acontecimentos que precedem e formam os dois eventos fundamentais: a festa na cobertura da Rua Tupi, 488 e a revolta dos migrantes nordestinos na estação de trem. A prosa é seca e direta, como se tirasse instantâneos da realidade representada. E também como se o tempo estivesse acelerado e antes da festa fosse, paradoxalmente, o fim de tudo. A Festa de Robertinho não começou ali, mas sim na carreira política de seu pai ainda no governo Vargas (conto “Corrupção”) e a revolta na estação também não começou naquela noite, mas na seca que se intensificou alguns anos antes¹² e nas estruturas de exploração que vêm do Brasil Império, como aparece já no primeiro conto¹³

¹¹ANGELO. Op. cit. Pag. 181

¹²“*Mais uma vez a seca atingia o Semiárido. Desde o segundo semestre de 1969, as notícias eram preocupantes. O governo – seguindo o hábito secular – demorou a tomar as primeiras providências. Era a pior seca desde 1958. Na região, cidades foram ocupadas, comércios foram saqueados, doenças epidêmicas proliferaram. A superintendência para o desenvolvimento do Nordeste (Sudene), sem saber o que fazer, retomou a velha política de abrir frentes de trabalho, sem antes ter um projeto das obras públicas efetivamente necessárias.*” VILLA. Op cit. Pag 174.

¹³Toda a parte “Flashback” do conto “Documentário”. ANGELO. Op. cit. Pag. 16, 17, 18.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encaminharmos uma conclusão recorreremos novamente às reflexões metodológicas de Jacques Le Goff:

No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é uma mentira...porque um monumento é primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir essa montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos¹⁴.

Neste trabalho tão somente iniciamos o processo de desestruturação do Romance, não chegando a realmente transformá-lo em *documento histórico*. Mas a partir de alguns breves apontamentos acreditamos ter revelado que por trás da “mentira”, nas palavras de Le Goff, há matéria social à espera de quem se proponha a estudá-la. Ivan Ângelo foi um observador crítico e angustiado do período em que vivia e conseguiu traduzir em impasses ficcionais os impasses de seu tempo¹⁵. O desfecho da Festa, para lembrar a epígrafe de Chico Buarque, fica suspenso e entre o Antes da Festa e o Depois da Festa, como a sociedade brasileira ficou afastada de sua condução política, sequestrado por um corpo autoritário alheio as suas reais questões. A estrutura da obra é, afinal de contas, um resposta tortuosa aos demandas da História vivida.

¹⁴ LE GOFF. Op. Cit. Pag. 548.

¹⁵ Como ele mesmo diz – se colocando como personagem – “Esse livro... é o resultado de um fracasso”, “O fracasso que eu digo está no miolo, que não existe. O livro se dividia originalmente em três livros separados: Antes da Festa, A Festa e Depois da Festa”, “Mas então, como eu ia dizendo: falta a festa.”. ANGELO. Op. Cit. Pag. 167.

REFERÊNCIAS

- ÂNGELO, Ivan. *A Festa, Romance: contos*. São Paulo. Ed: Vertente, 1976
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade, Estudo de Teoria e Crítica Literária*. São Paulo: T. A. Queirox, 2000.
- COGGIOLA, OSVALDO. *O Ciclo Militar na América do Sul*. Disponível em:
<<http://blogdaboitempo.com.br/category/colaboracoes-especiais/osvaldo-coggiola/>> Acesso em 15 de abril de 2014.
- GOFF, Jacques Le. *Memória e História*. Campinas. Editora da Unicamp. 1990.
- NAPOLITANO, Marcos. *História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Ed. Contexto, 2014.